

CONJUNTURA / Apesar da tensão no campo político, Bolsa de Valores de São Paulo registra nova alta no segundo dia após a eleição presidencial, e dólar termina mais uma sessão em queda, com forte presença de investidores externos

Mercado segue otimista

» RAFAELA GONÇALVES

Descolado do exterior, o mercado brasileiro operou mais um dia com tranquilidade no pós-eleição, apesar do clima ainda tenso na política. O dólar comercial registrou queda de 0,92% e fechou cotado a R\$ 5,11, enquanto o Ibovespa, principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), avançou 0,77%, aos 116.928 pontos. O dia foi marcado por uma certa aversão ao risco, típica de véspera de feriado. Entretanto, a recuperação pontual dos papéis ligados a commodities metálicas garantiu nova alta no índice ontem.

Em Nova York, o Dow Jones recuou 0,25%, enquanto o S&P 500 teve queda de 0,41% e o Nasdaq de 0,89%. Por lá, investidores continuam se posicionando com cautela, esperando a decisão do Comitê Federal de Mercado Aberto (Fomc, na sigla em inglês), que sai nesta quarta-feira. A expectativa é de que a taxa básica de juros americana avance 75 pontos-base, para o intervalo entre 3,75% e 4% ao ano.

No cenário doméstico, os ativos começaram a perder fôlego no início do curto discurso do presidente Jair Bolsonaro (PL), que fez seu primeiro pronunciamento após a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Sem um sinal claro de admissão de derrota, o principal índice da bolsa devolveu parte dos ganhos. “Ele disse que iria respeitar a Constituição, porém que os sonhos nunca estiveram tão vivos quanto antes. Não foi claro nem objetivo, também não cumprimentou Lula, como é de praxe. Então o mercado sentiu uma certa indiferença em sua fala”, afirmou o head de renda variável da Veedha Investimentos, Rodrigo Moliterno.

Os investidores continuam sensíveis ao movimento político nacional, e esperavam que Bolsonaro afastasse de maneira mais contundente a possibilidade de uma ruptura institucional. No entanto, a confirmação do vice-presidente eleito, Geraldo Alckmin (PSB), como coordenador do processo de transição de governos foi bem recebida, visto que ainda é aguardado o anúncio da equipe econômica do novo governo.

“O mercado estava realmente esperando passar a eleição para tirar um pouco do peso desse viés político e, desde segunda-feira, vem conseguindo se recuperar. Notamos também que os estrangeiros seguem de olho nos nossos ativos. Tivemos destaque principalmente do setor de minério com os rumores de uma certa flexibilização da política covid

Miguel Schincariol/AFP



Painel de cotações da B3: mercado operou descolado das bolsas dos EUA, que fecharam em queda, e foi ajudado pela alta de commodities

zero na China, o que refletiu em uma performance positiva”, avaliou Alison Correia, CEO da Top Gain. Entre as principais altas no Ibovespa ficaram os papéis da Vale, que tiveram ganho de 3,34%.

Otimismo

O dia seguinte à vitória de Lula ficou marcado como o melhor resultado do mercado financeiro após a escolha de um presidente dentre todas as eleições em que o real era a moeda brasileira, de acordo com um levantamento da LCA Consultores. Na última segunda-feira, primeiro dia após a terceira vitória de Lula, o índice da B3 fechou em alta de 1,31% e o dólar caiu 2,21%.

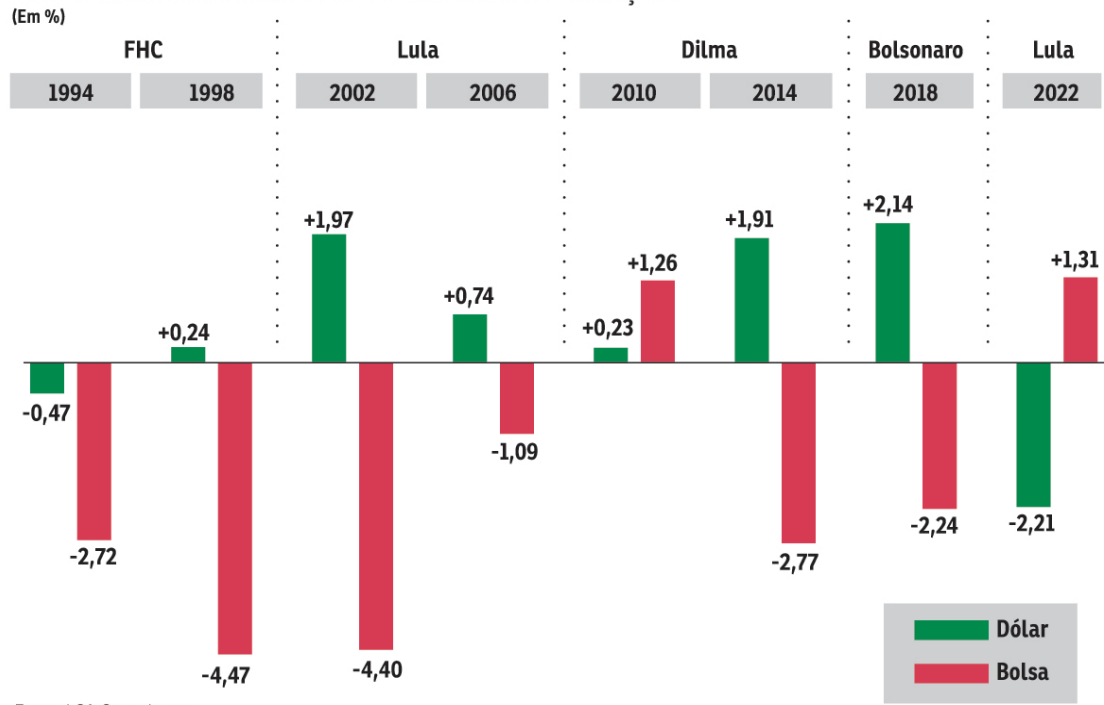
Segundo os analistas, as reações relativamente benignas estão associadas às sinalizações de que o governo eleito está construindo alianças num arco mais amplo do espectro político. Na história recente das eleições, a bolsa brasileira só teve alta no dia seguinte à vitória de primeiro mandato da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), em 2010. Naquele dia, o Ibovespa subiu 1,26%. Já o pior desempenho do índice foi na eleição de segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), quando o país enfrentava uma crise externa e a bolsa caiu 4,47%. (Veja o quadro)

O levantamento só considera o

Day after histórico

O dia seguinte à vitória de Lula ficou marcado pelo melhor resultado do mercado financeiro após a escolha de um presidente, dentre todas as eleições em que o real era a moeda brasileira.

COMPORTAMENTO DO MERCADO NO DIA SEGUINTE À ELEIÇÃO:



dia seguinte à eleição, mas o dólar registrou uma disparada histórica antes da primeira vitória de Lula — na época, contra o então candidato governista, José Serra (PSDB) —, quando as pesquisas deixaram claro que o petista seria eleito no segundo turno. De agosto a outubro

de 2002, a moeda norte-americana saiu de R\$ 2,84 para R\$ 4, valor que, se fosse corrigido, seria equivalente, hoje, a cerca de R\$ 7,50.

Naquele momento, o mercado considerava que o petista representava uma ameaça à economia, o que levou os

investidores a retirarem dinheiro em massa do país, trocando reais por dólares. Levando em conta o histórico e os nomes que demonstraram apoio a Lula nesta eleição, o mercado espera que sejam adotadas medidas alinhadas com o compromisso fiscal.

Produção industrial cai 0,7%

» FERNANDA STRICKLAND

A produção industrial recuou 0,7% na passagem de agosto para setembro, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foi a segunda taxa negativa consecutiva, acumulando queda de 1,4% no período, com redução em 21 dos 26 ramos industriais pesquisados. Segundo especialistas, esse recuo significa que o movimento de desindustrialização no país é contínuo e empregos tradicionalmente oferecidos pelas fábricas têm desaparecido.

O recuo da atividade ocorreu em todos as categorias medidas: bens de capital; bens intermediários; bens de consumo duráveis, semiduráveis e não duráveis; e indústria geral. Os dados mostram, ainda, que com esses resultados, o setor encontra-se 2,4% abaixo do patamar pré-pandemia, de fevereiro de 2020, e 18,7% abaixo do nível recorde alcançado em maio de 2011. Em relação a setembro de 2021, a indústria assinalou avanço de 0,4%. No índice acumulado no ano (janeiro-setembro de 2022), houve queda de 1,1% e, nos últimos 12 meses, de 2,3%.

O gerente da pesquisa, André Macedo, avaliou que há uma tendência clara de redução no ritmo da produção industrial. “Isso fica bem evidenciado não apenas nesses dois meses de queda em sequência, mas também na maior frequência de taxas negativas nos últimos quatro meses, com três variações negativas”, disse. Com esses últimos resultados e um perfil bem disseminado de recuo na produção em setembro de 2022, entendemos que houve perda no ritmo da produção nos últimos meses”, disse.

Macedo destacou que a alta na comparação entre os resultados dos meses de setembro de 2022 e 2021, ocorrer, em parte, por causa da baixa base de comparação. Atingida por restrições de oferta associadas ao travamento das cadeias globais de fornecimento, a produção industrial tombou 4,1% em setembro de 2021 ante igual mês de 2020.

Veículos

Na comparação com setembro do ano passado, o destaque, segundo o IBGE, foi justamente a produção de veículos automotores, rebocos e carrocerias, uma das atividades mais atingidas por restrições de oferta, que saltou 20,3%. O instituto ressaltou também a alta de 7,7% na fabricação de outros produtos químicos.

O levantamento do IBGE aponta que, em setembro último, a maior influência negativa entre os diversos ramos de atividade foi da indústria de produtos alimentícios (-2,9%), seguida por metalurgia (-7,6%) e coque e produtos derivados de petróleo e biocombustíveis (-2,6%). “Produtos alimentícios apresentam dois meses consecutivos com queda na produção, totalizando um recuo de 6,1%. Porém, destaco que nos três meses anteriores a esses dois recuos, essa atividade havia apresentado crescimento de 6,7% de forma acumulada. Produtos derivados de soja, açúcar e carnes de aves são itens importantes no setor industrial dessa queda no sentimento em setembro”, comentou o pesquisador.

BC reforça preocupação com quadro fiscal

» ROSANA HESSEL

O Banco Central reforçou o alerta de que as pressões inflacionárias devem demorar para se dissipar e voltou a demonstrar preocupação com a piora das contas públicas, confirmando a expectativa de que os juros devam continuar no patamar atual por um período prolongado — ou mesmo elevados, caso seja necessário. O recado foi dado por meio da ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), na semana passada, quando a taxa básica da economia (Selic) foi mantida em 13,75% ao ano.

No documento, divulgado ontem, o comitê destacou que a inflação está espalhada, em um ambiente “desafiador”, diante de uma normalização nas cadeias de suprimento ainda “incipiente”. Ao justificar a manutenção da Selic pela segunda reunião seguida, o Copom alertou sobre os riscos fiscais em 2023, que tendem a pressionar os preços e a exigir um aperto maior da política monetária. Nesse sentido, reconheceu que “há maior sensibilidade dos mercados a desenvolvimentos que afetem os fundamentos fiscais, inclusive em países avançados”.

O Copom reforçou a cautela ao indicar que as projeções do mercado para a inflação oficial, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), continuam acima dos tetos da meta, tanto em 2022 quanto em 2023, de 5% e de 4,75%, respectivamente. “O Comitê enfatiza que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados e não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como esperado”, acrescentou o documento.

Analistas destacaram a preocupação do BC com o desequilíbrio das contas públicas. Projeções do mercado indicam um rombo fiscal bem maior do que os R\$ 63,7 bilhões previstos no Orçamento do ano que vem e que ainda precisa ser votado pelo Congresso. As estimativas variam de R\$ 150 bilhões a R\$ 430 bilhões. Na avaliação de especialistas, a equipe econômica do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) precisará negociar com o Legislativo uma licença para gastar que (waiver), em 2023, a fim de ganhar tempo para discutir uma nova âncora fiscal com o Congresso, pois a credibilidade do

teto de gastos, criado em 2016, está no chão depois de tantas alterações feitas pelo atual governo.

“A ata mostrou uma real preocupação com a ancoragem fiscal, o que deixa no ar o fim do ciclo de juro. O Banco Central não sinaliza quando começará a reduzir a Selic. Antes, se falava, no mercado, que seria entre março e junho. Agora, não há mais essa certeza”, afirmou Julio Hegedus, economista-chefe da Mirae Asset. O afrouxamento da política monetária, segundo ele, dependerá da política fiscal do novo governo. “Tudo dependerá de como Lula vai transitar nesta seara, o que obriga o BC a ser mais cauteloso”, acrescentou Hegedus.

Escolhas

De acordo com o economista Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor do BC e consultor externo da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Turismo e Serviços (CNC), o Copom anda fazendo escolhas que não são da competência dele, como se preocupar com os riscos fiscais. Contudo, ele reconheceu que isso ocorre porque quem deveria se preocupar não está fazendo

Reprodução



Banco Central não dá mais indicações sobre quando vai reduzir juros

os alertas claros. Por conta disso, os discursos do ministro da Economia, Paulo Guedes, de que o fiscal está “firme” e o do Copom são tão divergentes. “É óbvio que se houvesse uma boa política fiscal, isso facilitaria o trabalho do BC”, explicou.

Agora, como a Selic está muito alta, com os juros reais (descontada a inflação) caminhando para 8% ao ano, o risco de

uma desaceleração forte em 2023 é crescente, até mesmo de recessão, de acordo com Gomes. “O BC tem que ser realista. O juro real está muito alto e, aparentemente, o BC é independente. Ele não precisa falar muito. Tem que falar menos, para não errar”, orientou o economista, que aposta na redução da Selic a partir de março ou de abril de 2023, devido ao enfraquecimento da atividade.